

CONCEÇÕES DE AMOR DESENHADAS POR CRIANÇAS DE 1º E 2º CICLOS DE ENSINO BÁSICO: ANÁLISE DE DISCURSO

Judite Zamith Cruz¹, Ana Rita Fernandes², Júlio Gomes³ & Zélia Anastácio⁴

¹Centro de Investigação em Educação (CIED), Universidade do Minho, juditezc@ie.uminho.pt

²Colégio de São Caetano – Pólo de Formação – Braga, anarifernandes@gmail.com

³Instituto de Educação – Universidade do Minho, gomes.bcl@gmail.com

⁴Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Universidade do Minho, zeliarf@ie.uminho.pt

RESUMO

Tendo como intervenientes estudantes de ensino superior, realizou-se um estudo de carácter qualitativo (Amado & Ferreira, 2013), mais especificamente um estudo de caso (Yin, 2005), cujos objetivos foram definidos de acordo com orientações internacionais para a educação para a sexualidade (WHO, 2010a; UNESCO, 2009), nomeadamente: (1) perceber relacionamentos privilegiados; e (2) identificar concepções de futuros partilhados. Para a recolha de dados solicitou-se às crianças que representassem pares por meio de desenho e que dialogassem sobre a interação e o amor. A amostra foi constituída por 55 crianças com idades compreendidas entre os 5-12 anos, sendo 33 do género feminino e 22 do género masculino. Os dados recolhidos foram tratados com vista à análise de conteúdo e análise de discurso.

Entre outros resultados, clarificou-se que os pares desenhados eram em menor número de membros da “família” (7 raparigas e 7 rapazes), nomeadamente, “casados”, “pai e filho”, “primo/as”, “avós” ou “sobrinha-tia”. Noutra categoria enquadraram-se as relações “não familiares” (23 raparigas e 13 rapazes), de “amizade”, “amor” e “paixão”, definidos os pares de “namorados”, exprimindo “carinho” ou estando “apaixonados”. Como conclusões verificaram-se os desejados finais felizes e foram debatidos os significados do amor, tendo as raparigas afirmado que o amor é “muito bom”, podendo ter como sentido “carinho”, “amizade”, “lealdade” ou “paixão”. Assim, quando uma pessoa gosta de outra, o amor “une-as”, é uma “coisa natural”, para duas meninas, mas vive-se o amor, segundo outra, «quando se anda juntos, dando passeios». Pode o amor ser para rapazes «tipo amigos a dar beijinhos na boca», mas são elas a desenhar o beijar. Um outro rapaz também valorizou o ser «mais do que amigo». Por acréscimo, depois dos 12 anos, foi aludido o “saber amar” quando se é “amigo”.

Palavras-chave: amor, crianças, estudo de caso, género, significados.

INTRODUÇÃO

O amor faz ver o *outro* longínquo, diferente de todos os outros seres humanos. Faz aparecer a pessoa especial dotada de extraordinárias qualidades. Quando

ordenados os significados da vida, o amor é colocado mesmo à frente da amizade (Frazzetto, 2014, pp. 256-257). As pesquisas no *google* dispararam na pergunta mais vezes formulada: «o que é o amor?» (Simon, 2012). É uma combinação de amizade e paixão entre duas pessoas. Quando se ama, fica em suspenso a realidade na ficção, a imparcialidade dá lugar ao apreço desmesurado, a estratégia de defesa é perdida e opera-se uma enorme alteração nas ligações sinápticas do cérebro.

Parece inadequado ligar uma qualquer emoção ao funcionamento de sinapses, de neurotransmissores e à discriminação de regiões no cérebro. Aliás, nem é consensual tratar-se o amor de uma emoção *per se*. Isto porque o amor romântico e o amor materno têm correlatos neuronais não plenamente compreensíveis no laboratório (Bartels & Zeki, 2000, 2004; Aron, Fisher, Mashek, Strong, Li & Brown, 2005). Desde que se utiliza a pesquisa com ressonâncias por emissão de positrões, os participantes (nomeadamente, os adolescentes apaixonados) preenchem um questionário com respostas fechadas (Hatfield & Sprecher, 1986). Respondem “sim” ou “não”, por exemplo, a questões como «X aparece sempre no meu pensamento» ou «sinto-me feliz quando estou a fazer algo para fazer X feliz».

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Uma vez que se tinha como objetivo fulcral compreender os significados do amor, em crianças, optou-se por um formato lúdico, criativo e com a valorização da sua escuta ativa, elucidada por Pierre Bourdieu (1993, p. 906) nos seguintes termos:

«A escuta ativa alia a disponibilidade total à pessoa entrevistada, a submissão à sua história particular, que pode conduzir a uma espécie de mimetismo mais ou menos dominado, a adotar a sua linguagem e a entrar no seu modo de ver, nos seus sentimentos, nos seus pensamentos, com a construção metódica, indispensável do conhecimento das condições objetivas comuns a todas as categorias.»

Através do recurso ao desenho de uma pessoa “especial” e, posteriormente ao desenho de “pares”, pretendeu-se dialogar sobre as interações que os inquiridos mantinham/idealizavam. Todavia, refletiu-se sobre o que se queria perceber face ao conhecimento das crianças. Em primeiro lugar, pretendia-se atingir a sua compreensão sobre o relacionamento entre pessoas na amizade, no amor, noivado, casamento e/ou

separação. Encarou-se a noção do desenho como uma forma mais direta de aceder ao entendimento da relação do/a autor/a e um *outro*. De acordo com objetivos delineados por organismos internacionais para a educação para a sexualidade (WHO, 2010a; UNESCO, 2009), há que explorar mais as emoções e os relacionamentos. Isto para nos propormos também o seguinte: (1) apreender relacionamentos privilegiados; e (2) encarar os futuros ambicionados de uma criança com um par.

Seguiu-se uma metodologia qualitativa (Amado & Ferreira, 2013) com recurso ao estudo de caso (Yin, 2005), a qual tem sido utilizada em contextos estruturados para as entrevistas, semiestruturadas ou semidiretivas, orientadas por um guião e áudio gravadas, segundo orientações para os mais jovens (Cohen, Manion & Morrison, 2007, pp. 374-376).

Procurou-se que os dados a seguir apresentados fizessem parte de um *discurso constitutivo* (Lather, 2001, p. 244). Dito de outro modo, não descontextualizado, em conformidade com a posição de Amado e Ferreira (2013, p. 374) de forma a ser verosímil o “real” familiar e cultural de testemunhas privilegiadas (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 71), garantindo-se o seu anonimato.

Amostra

O grupo de estudo foi constituído por 55 crianças, sendo 33 meninas e 22 meninos, com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos, residentes nos distritos de Braga, Viana do Castelo e Porto. Desses não aceitaram colaborar, respondendo a questões abertas, 3 meninas e 2 rapazes, após o esboço de um par.

Instrumento

O desenho de um par, realizado só a partir da idade escolar (dos 6 anos em diante), corresponde a uma sugestão do grafólogo francês Carlos Munõz Espinalt (Xandró, 2005, p. 111), para ser feito com adultos, o qual adaptámos a crianças fornecendo-lhes a seguinte orientação: «Desenha um par como quiseres, sem te preocupares em ficar muito bem desenhado».

Os materiais disponibilizados foram a folha de papel A4, os marcadores e o lápis preto. Ter-se-ia preferido os lápis de cor e de cera, mas os marcadores proporcionam-nos melhores digitalizações.

Indicou-se aos entrevistadores, estudantes de ensino superior do Curso de Educação Básica, que apontassem observações pertinentes, tais como, se a criança fez comentários ou perguntas, enquanto estava a desenhar. Foi também facultada uma ficha sociodemográfica e o segundo bloco do guião que foi concebido para a maior compreensão do desenho.

Procedimento

Foi colocado o papel em posição horizontal, em frente à criança, além dos meios de desenho e escrita, sendo-lhes solicitado que desenhassem.

No segundo bloco do guião, perguntou-se, pela seguinte ordem, entre outras questões relativas ao futuro do par: (1) Que relação une - dizendo-se “têm” - essas pessoas; (2) Em que lugar estão; (3) O que estão a fazer; e (4) O que é o amor.

Não se usou propositadamente o termo “par humano”, acontecendo uma só vez (e para nossa surpresa) uma menina desenhar um par de pássaros.

Os entrevistadores foram confrontados com a possível dificuldade de entendimento dos mais novos e sugeriu-se, por exemplo, que dissessem “...que relação tem...”, em vez de “...que relação une...”, com maior carácter de intimidade e de maior elaboração verbal.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Uma menina de 9 anos e 7 meses disse-nos que «o amor é quando duas pessoas estão juntas e gostam uma da outra. Dão beijinhos e abraços. Há três tipos de amor: amor de família, amor de amigos e amor de namorado». No seu desenho e na maioria dos desenhos a elaboração das figuras não é valorizada, se bem que possam ser colocadas exceções.

Com extremo pormenor, outra rapariga, com 9 anos e 11 meses, desenhou dois recém-casados, que «agora estão a tirar fotografias». No balão de fala, a figura feminina

explicitou o seu sentir - «eu te amo». Ele respondeu, em reciprocidade e sintonia - «eu te amo também». Explicou depois a situação que retrata o matrimónio: «Estão a dizer que gostam muito um do outro e do seu casamento.» Com que sonham? «Sonham em ter uma casa e dois filhos.» É a sua mãe e o pai, «no dia que eu acho mais bonito e que não estive lá... o casamento deles.» A menina costuma pedir à mãe para ver o filme da boda, o que lhe serviu de inspiração para o desenho. À questão “o que é o amor?” tivemos respostas como as seguintes: «É a vida amorosa. É o meu pai e a minha mãe a tomar conta de nós e a sermos uma família feliz». Para compor o cenário, o par atravessaria uma longa passadeira vermelha, junto a um lago com peixes.

Uma terceira menina desenhou antes *Violetta* e *Léon*. Seguiu como tantas outras a série televisiva, em particular, para elas. Mas uma quarta desejou antes desenhar o par de pássaros que tem em casa. Quando se questionou sobre quais possam ser os sonhos dos pássaros, mas em comum, não podia ser mais concreta: «Sair da gaiola». Mas essa mesma menina de 10 anos e 9 meses, quando lhe é perguntado o que pensa ser o amor humano, não tem dúvida «Quando duas pessoas gostam mais uma da outra pessoa do que [qualquer uma de] *si própria*». «Vou desenhá-los de mãos dadas e pôr uns corações para parecerem mesmo uns namorados» – disse uma outra, cujo desenho foi colocado na figura nº 1, tendo também 10 anos e 8 meses. Na generalidade, não se observa o contacto físico entre as figuras.



Figura 1 – Desenhos de pares (meninas - 7A 11 m; 8 A 8 m; e 10A 8m).



Figura 2 – Desenho de pares (meninos - 6 A 5 m; 10A 1 m; e 11 A 11 m)

«Sabes quem é?», perguntou-se ao rapaz, que fez a representação colocada acima, na figura nº 2, em segundo lugar. «É um *gajo* e a namorada...» Escreveu o que afirmou e acrescentou: «Não tenho namorada, mas tenho muitas amigas...» [O desenho] Tem um coração, disse ainda o jovem. Noutro desenho da figura nº 2, de um menino de 11 anos e 11 meses, ambos «sonham em ser namorados, durante muito tempo e serem sempre amigos.» De costas (mais fácil de delinear), têm frente a si uma montanha, um campo rodeado por uma cerca e no topo do papel as nuvens.

O que é o amor para este rapaz? «Para mim, o amor é quando duas pessoas olham nos olhos uma da outra e o coração começa a bater muito... É também quando os pais gostam muito dos filhos».

Outra jovem referiu-se ao *amor de família*, igualmente *fácil*, na área do amor filial - «O que sinto pelos meus pais» (8 anos 6 meses).

Com 10 anos e 11 meses um outro rapaz optou por um trio - «São um casal e o filho» Como ele tem um irmão gémeo, entende-se desejar ser único e junto ao par.

Que relação une aquelas pessoas?

Em menor número, os pares foram de pessoas “familiares” do que de não familiares. No total, 3 raparigas e 4 rapazes falaram em pessoas da família. Incluem-se, sem especificação de parentesco, 1 rapariga e 1 rapaz. Nesta categoria, portanto, os que entenderam ter desenhado pessoas unidas por parentesco, responderam serem pai e filho (1 rapaz), primo/as (2 raparigas), avós (1 rapaz) ou sobrinha-tia (1 rapaz). Todavia, na situação de compromisso por serem “casados”, registámos outras 4 raparigas e 3

rapazes, o que faz ascender a 7 as pessoas de famílias tanto nas raparigas como nos 7 nos rapazes inquiridos.

Noutra categoria, distribuíram-se as respostas em subcategorias, de modo a enquadrarem-se as relações “não familiares” (23 raparigas e 13 rapazes). Na subcategoria mais lata de ser entendido o vínculo entre o par de pura “amizade”, foram identificados 11 raparigas e 7 rapazes. Noutro tipo de relacionamento, reconhecido como de “amor”, foram 5 as raparigas e 1 rapaz que assim o nomearam. Este último, com 9 anos e 11 meses, desenhou os pais como numa relação de «amor, casamento».

Mas quando foram definidos de pares de “namorados”, enumerámos 7 meninas e 4 rapazes, em particular.

Onde se encontra o par?

Pensa-se que surja cerca dos 9 anos (Debienne, 1968, p. 15) a preocupação de colocar as figuras e objetos num quadro ou paisagem.

Uma menina que desenhou figuras masculina e feminina colocou o cenário de um parque, onde conversariam os dois amigos. Contudo, escasseiam enquadramentos na amostra de estudo. Duas meninas deixaram por especificar o ponto de encontro.

Sem casas, a escola é nomeada quatro vezes e surge como espaço privilegiado para pares. Outros locais do encontro são imaginados, também no exterior de casa, na sua maioria, por ordem de maior para menor número de representações: parque/jardim, mar/praias, Paris e uma rua. Em casa, cinco vezes escolhido como o ambiente eleito, o par localiza-se na sala. Os outros interiores passam por uma festa e um restaurante, onde o duo jantará. De forma igualmente isolada, pode ser respondido tratar-se de uma lua-de-mel, não localizada, do “paraíso” ou do “céu”.

Em locais fora de casa, os rapazes escolheram o parque e a rua. Porém, foram alguns mais específicos do que elas, localizando os pares nas suas terras, localidades rurais não urbanas, por exemplo, junto do rio ou na erva. Quando eles colocaram a situação desenhada em cena de interior, foi nomeada uma sala de dança, o *McDonald's*, três vezes a escola e cinco vezes a casa, em particular, a sala e o quarto. Somente um rapaz não criou essa base de meio, para um cenário.

O que é o amor?

Para 31 raparigas, o amor tem múltiplos significados. Mas ainda assim com variantes e tipologias, duas meninas dizem *não saber* o que seja o amor. «Não sei muito bem...» (7 anos 0 meses). Com um acento pessoal, a mais velha afirmou não ter namorado, possivelmente, por se exprimir da seguinte forma: «para mim, ainda não é nada... sem namorado» (8 anos 1 mês). O que se pode inferir é que «O amor é um sentimento forte que uma pessoa sente pela outra» (11 anos 7 meses). Sendo um sentimento, pode agregar vários domínios ou áreas nem sempre fáceis de gerir, tanto por crianças como por adultos. Para uma menina de 9 anos e 5 meses, «o amor é vários sentimentos num só... o amor é alegria, carinho, confusão».

Mas o amor é um ou vários sentimentos? É *confusão*, discórdia e dissenso? Sim, porque a linguagem serve mais para confundir do que se possa pensar. Pode ser dado um exemplo focado. «É uma relação entre duas pessoas... duas pessoas unidas... é a felicidade e é apaixonar-se. É quando um se *chateia* e o outro faz as pazes e voltam a estar muito contentes» (9 anos e 7 meses). Há harmonia e instabilidade, entre guerras e *fazer as pazes*.

Todavia, evidenciam maior dificuldade em falar de namoro. No amor «é uma pessoa gosta muito de outra pessoa, como o amor dos pais pelos filhos e dos filhos pelos pais» (11 anos 11 meses). Esse é o *amor de família* na reciprocidade pais-filhos.

Uma jovem de 10 anos, a pensar na paz familiar, disse «O amor - para mim - é ver uma família unida». Nesse sentido, o amor «é uma *coisa* que une as pessoas» (11 anos e 1 mês). No que toca o modelo de *gostar*, no amor adulto, a fala pode ter um só sentido. «É quando um homem gosta de uma mulher», disse a rapariga de 8 anos e 10 meses. Não disse que a mulher *tenha* que gostar do homem. De forma algo indefinida, uma menina afirmou que o amor «é uma *coisa* natural (6 anos 8 meses). O amor é gostar da “vida”, para outra (6 anos 3 meses) afinal é «uma coisa muito boa» (8 anos 11 meses). «O amor é gostar de alguém *muiooooooooooooo*», falou alto outra menina. O amor é gostar de alguém, por grande quantidade de “ós”? Essa resposta repetiu-se quatro outras vezes no grupo feminino – gostar por amar e, noutros termos, «tem que haver amizade».

Como se observa a seguir, foi colocado o amor em linha: gostar – namorar – casar – ter filhos. «Acho que sim [dizendo a menina de 5 anos e 5 meses saber o que seja o

“amor”], acho que é que gostem das pessoas e namoram». «São pessoas que gostam uma da outra, casam-se e têm filhos», avançou outra de 6 anos e 6 meses.

Mas para um menino, com 7 anos e 5 meses, foi ainda a professora que lhe terá dito que amor é «querer namorar, casar com outra pessoa». Mas são os amores possíveis de nem conduzirem ao casamento no altar, isto é, o amor contém manifestações de amizade: «o carinho, amizade e lealdade»; «uma amizade muito grande, com muito carinho»... Levará mais longe o carinho, «quando se gosta muito de alguém e *se faz coisas* por essa pessoa» (9 anos 3 meses).

Mas os pais amam-se, mutuamente, na circunstância de também «darem beijinhos e abraços». Por extensão de forma explícita, quem ama «anda junto, dá passeios, é *tipo* amigos mas a dar beijinhos na boca». Temos então o amor como forma de amizade “especial”, por ser «carinho, amizade e dar beijinhos na boca». Portanto, há a condição do beijar, acrescido à amizade: «Para mim, o amor é quando dou beijinhos na boca ao meu namorado» (8 anos 8 meses).

Todavia, serão namorados, os amigos por quem sentem amizade? Quem discriminará *o gostar* da amizade e do amor com beijos? Quando o amor também é indistinto de paixão? Quando seja salientado, nos seguintes termos por duas jovens perentórias: «É paixão, é uma força, é poder!» e «Paixão!». Por último, no sexo feminino, encontrou-se uma resposta que acrescenta algo mais ao amor, no sentido da atração física baseada no modelo de beleza dominante e cultural: «É o que as pessoas sentem umas pelas outras. Não é só o facto de ser feio ou bonito, não se julga pela aparência» (10 anos 1 mês). No sexo masculino, em 22 rapazes, ainda aos 6 anos, é *difícil* de explicar para vários, que nem *sabem* nem podem ter uma *ideia*, além de ser o amor «bonito» (6 anos e 6 meses). Como desejado bem-estar, «o amor é quando queremos que as pessoas estejam *bem*» (6 anos 4 meses) e «querer *bem*» (6 anos 5 meses).

Aos 9 anos e 0 meses e aos 12 anos 6 meses, já parece nem se querer dizer do que se possa ter vergonha em partilhar. Os *sei lá* multiplicaram-se e não se falou tanto do beijar, como no grupo feminino. Outro “*sei lá!*” foi o que disse um rapaz, de 10 anos e 9 meses, com características do espectro do autismo, quando acrescentou algo improvável: «Não gosto de ninguém por amor!» O amor pode ser colocado, então, a

partir de dentro, além do modo anteriormente focado e internalizado: «É uma coisa muito forte que bate *lá dentro* no coração» (11 anos 6 meses).

«Não sei, avança! [Faz outra pergunta].»

Um rapaz com 10 anos e 9 meses não quis pronunciar-se com um encolher de ombros. Parecia que haveria dificuldade em partilhar um sentimento complexo que não *se vive*. «Não sei... é uma coisa muito difícil de definir... e o amor é gostar de alguém, é também um sentimento muito forte de uma pessoa para com outra e é-se capaz de fazer qualquer coisa por amor». Essa é a expressão mais elaborada no grupo masculino, por parte do pré-adolescente de 12 anos e 6 meses, que começa por dizer “não saber”.

O amor pode ser tão abrangente na interação, com ressonância neurofisiológica simpática no batimento cardíaco acelerado, indo além do amor filial: «Para mim, o amor é quando duas pessoas olham nos olhos uma da outra e o coração começa a bater muito. É também quando os pais gostam muito dos filhos» (12 anos 2 meses). O amor *une* (10 anos 4 meses) e «não separa mais». «É gostar muito um do outro e... não sei» (8 anos e 6 meses). Quem diz *não sei*, acentuou só depois que «o amor é quando se fica apaixonado e se gosta». Em idade precoce (mas não só) o *gostar de alguém, estar apaixonado* e amar essa pessoa confundem-se, de novo, quando um rapaz dos quatro que usam a palavra “gostar” afirmou: «Quando duas pessoas gostam uma da outra».

Como já se afirmou anteriormente, o amor «é amizade e alegria», nas figuras dos dois amigos, ele e o amigo Alberto. Mas não falará de amizade entre pares, quem pensa que «há que saber amar», sendo-se “amigo” (11 anos e 6 meses).

Então, discriminam a amizade do *gostar* e estar apaixonado. Com 7 anos 9 meses, declaram que «[amor é] quando gostamos... Eu tenho muitas pessoas que eu gosto e tenho uma namorada»; é «mais do que amigos...» e «é uma pessoa que namora com outra, gostam um do outro». Pode explorar-se a conceção de namorar, quando afirmado: «amor é dar beijinhos, ser simpático e dar flores» (8 anos e 2 meses). No amor pode haver “carinho” e “respeito”. Quem o verbaliza, como outros, pode ter dissociado a representação visual da palavra a definir - amor. Foi o que ocorreu, quando o menino de 9 anos e 3 meses se representou com o irmão, sonhando ambos vir a trabalhar no campo. Depois dessa idade ampliaram-se os atributos do amor, além dos critérios anteriores: «o amor é companhia, felicidade, ternura, carinho, proteção, bem-estar e

tudo mais»; «é a amizade, ajuda e a diversão»... O amor é «verdade, nunca mentirem um ao outro», disse um mais velho, de 11 anos e 2 meses.

Se entrarmos no tipo de amor de namorar (ou não), «é dar beijinhos na boca» (6 anos 9 meses). Pensar no que é «namorar... e amor também é amizade e felicidade» (6 anos e 9 meses).

Se nos voltarmos e encararmos a paixão verbalizada por eles, concluímos que esta não tem a ressonância encontrada nelas: «é estar apaixonado». Mas o que é estar apaixonado? «É casar.» (6 anos 6 meses). Mas quando não se casa? «Acho que o amor é quando duas pessoas se conhecem um tempo e ficam apaixonadas» (11 anos e 10 meses).

CONCLUSÕES

As crianças não atingiram ainda a alteridade, considerando o *outro* como o provedor das suas satisfações e tratam o par como *objeto* (Salvi & Malarewicz, 2014) ou, nos pictogramas, como um companheiro para as suas brincadeiras e de lazer.

As situações comuns foram esboçadas em pictogramas, por vezes, com timidez, inibição e ansiedade. Sem que se indique descontentamento com o quotidiano, os desejos/sonhos em ir a Paris e em *ver coisas novas* foram únicos, comparados com o desejo de casar. Quando se contrastou a narrativa gráfica com a realidade foram outros os pares do ecrã ou imaginados no romantismo.

Em relação a comentários espontâneos, escassos, um alongou-se nos quereres de *Romeu* ou *Julieta*. A menina de 7 anos e 6 meses que desenhou *Violetta* e *Léon*, acrescentou o seguinte: «Eu antes tinha mais inspiração...». A entrevistadora disse-lhe, em jeito de resposta: «Pelo menos vais tirar *satisfaz Bastante....*» Riram-se. A criança continuou o diálogo, afirmando que «Agora os rapazes estão sempre a fazer cartões. São cartões de amor... Sem a professora ver, um mandou-me um coração a pedir-me em namoro...». Ficámos a saber o que uma única ousou afirmar. Outra rapariga, de 11 anos e 11 meses, que desenha o irmão e a sua namorada Sílvia fez uma breve observação pessoal, para a qualidade da representação visual: «Ai que giros! Vou desenhar uns tacões bem altos à Sílvia». A anotação crítica da representação pictográfica foi mais escutada.

Sobretudo dos 4 aos 8 anos, a curiosidade dos pequenos é poderosa e a imaginação fulgurante. Mas, quando estiveram prontos a manifestar-se contra o pedido de “desenharem um par”, a concentração foi limitada e o enfado visível. Depois dos 8 anos, encontrou-se maior singularidade no companheiro/a escolhido e na espécie de duplo.

E se o coração delas tem despertado mais nas atividades de dança e com as imagens de *Violetta* e *Léon* no ecrã, não estarão entretanto dedicadas a desenhar, quando essa atividade já escasseia na escola básica. Pensarão em dançar, a não ser que os adultos interfiram no processo romântico no ecrã e não lhes dão razão de vida. É de esperar que os adultos lhes venham a propiciar outras razões de viver.

REFERÊNCIAS

- Amado, J. & Ferreira, S. (2013). A entrevista na investigação educacional. In J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa* (pp. 205-232). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Aron, A., Fisher, H., Mashek, D., Strong, G., Li, H. & Brown, L. (2005). Reward, motivation and emotional systems associated with early-stage intense romantic love. *Journal of Neurophysiology*, 94, 327-337.
- Bartels, A. & Zeki, S. (2000). The neural basis of romantic love. *Neuroreport*, 11, 382-3834.
- Bartels, A. & Zeki, S. (2004). The neural correlates of maternal and romantic love. *Neuroimage*, 21, 1155-1166.
- Bourdieu, P. (1993). *La misère du monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research methods in education*. 6th. Ed London: Routledge.
- Debienne, M.-C. (1968). *Le dessin chez l'enfant*. Paris: P.U.F.
- Frazzetto, G. (2014). *Como sentimos*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Hatfield, E. & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in an intimate relation. *Journal of Adolescence*, 9, 383-410.

- Lather, P. (2001). Validity as an incitement to discourse: Qualitative Research and the crisis of legitimation. In V. Richardson (Ed.), *Handbook of Research on Teaching* (pp. 241-258), 4th Ed. Washington, DC: American Educational Research Association.
- OMS/WHO (2010a). Developing sexual health programmes: a framework for action (document WHO/RHR/HRP/10.22) Geneva
(http://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health_rhr_hrp_10_22/en/index.html, accessed 24 january 2015)
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Salvi F. M. & Malarewicz, J.-A. (2014, mars). Quel âge avez vous en amour? *Psychologies Magazine*, 338, 89-93.
- Simon, T. (2012). *Daily Mail*, 11 de dezembro de 2012.
- UNESCO (2009a). *International technical guidance on sexuality education: An evidence informed approach for schools, teachers and health educators. Vol. I The rationale for sexual education*. Paris: UNESCO.
- Xandró, M. (2005). *Manual de tests gráficos*. 5ª Impresión. Madrid: ESO.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. 3ª Ed. Porto Alegre: Bookman.